

PAOLO GIORDANO

# O corpo humano

*Tradução*

Eduardo Brandão



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2012 by Arnaldo Mondadori Editore S.p.A., Milão

Obra publicada com incentivo à tradução do Ministério das Relações Exteriores da Itália.

Questo libro è stato pubblicato grazie ad un contributo per la traduzione da parte del Ministero degli Affari Esteri italiano.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Il corpo umano

*Capa*

Aline Temoteo

*Foto de capa*

Mirjan van der Meer

*Preparação*

Silvia Massimini Felix

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Huendel Viana

*Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Giordano, Paolo.

O corpo humano / Paolo Giordano; tradução Eduardo Brandão. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

Título original: Il corpo umano.

ISBN 978-85-359-2592-0

1. Ficção italiana I. Título.

---

15-03247

CDD-853

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura italiana

853

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

## PARTE 1

# Experiências no deserto

# Três promessas

Primeiro veio o falatório. O ciclo de lições propedêuticas do capitão Masiero — trinta e seis horas de aulas durante as quais os soldados receberam um verniz de história do Oriente Médio, relatórios técnicos sobre as complicações estratégicas do conflito e em que se falou também, sem escapar de obviedades, das extensões sem fim de maconha no Afeganistão ocidental —, e principalmente os relatos dos colegas que já haviam prestado serviço lá e agora, com certa condescendência, davam conselhos a quem se preparava para partir.

De cabeça para baixo na prancha inclinada em que estava finalizando a quarta série de abdominais, o cabo Ietri ouve com interesse crescente a conversa de dois veteranos. Falam de certa Marica estabelecida na base de Herat. No fim, Ietri cede à curiosidade e se intromete: “Há mesmo todas essas garotas?”.

Os colegas trocam um olhar cheio de subentendidos, já estavam esperando essa. “À vontade, meu velho”, diz um deles. “E não são daquelas com que estamos acostumados aqui.”

“Não mesmo, lá estão pouco se lixando.”

“Estão longe de casa e se chateiam tanto que topam qualquer parada.”

“Qualquer mesmo, pode crer.”

“Em nenhum acampamento de férias se trepa tanto quanto em missão.”

“E há também as americanas.”

“Uuuuh, as americanas!”

E desandam a falar da secretária de um coronel que levou para a barraca três suboficiais e só os deixou sair de madrugada, mortos, não nós, quem dera, gente de outra companhia, mas na base todo mundo sabia. Os olhos de Ietri pulam de um para o outro, enquanto o sangue lhe sobe dos pés à cabeça, embriagando-o. Quando sai da academia, ao ar aveludado da noite de verão, está com a mente repleta de fantasias desenfreadas.

Foi ele mesmo, com toda probabilidade, que pôs para circular certas histórias entre a rapaziada do terceiro pelotão, histórias que depois de um longo percurso voltam ao seu ouvido e nas quais acaba acreditando com mais convicção que todos. Ao temor cético da morte se mistura um anseio de aventura que acaba predominando. Ietri imagina as mulheres que vai encontrar no Afeganistão, os sorrisos maliciosos no toque de reunir matinal, o sotaque estrangeiro com que dirão seu nome.

Durante as lições do capitão Masiero também não faz outra coisa senão despi-las e vesti-las sem parar.

“Cabo Ietri!”

Na sua cabeça, chama todas elas de Jennifer e não tem ideia de onde tirou aquele nome, Jennifer, oooh Jennifer...

“Cabo Ietri!”

“Aqui!”

“Quer ter a gentileza de repetir o que eu estava dizendo?”

“Claro, capitão. Falava... das tribos... acho.”

“Está querendo dizer das etnias?”

“Sim, senhor.”

“E de que etnia eu falava, exatamente?”

“Acho que dos... não sei, senhor.”

“Cabo, saia imediatamente desta sala.”

A verdade escabrosa é que Ietri nunca estivera com uma mulher, não da maneira que ele define como sendo *completa*. Ninguém do pelotão sabe, se descobrissem seria um desastre. Só quem está a par é Cederna, ele mesmo lhe contou certa noite no pub, quando estavam os dois de porre e propensos às confidências.

“Completa? Quer dizer que você nunca trepou?”

“Pare de gritar!”

“Que merda, cara. Que merda mesmo.”

“Eu sei.”

“Quantos anos você tem?”

“Vinte.”

“Cacete. Já desperdiçou os melhores anos. Escute bem, é importante. O bagulho aí no meio é que nem um fuzil. Um 5.56, com coronha de metal e mira a laser”, Cederna empunha uma arma invisível e aponta para o amigo. “Se você não se lembra de lubrificá-lo de vez em quando, acaba engasgando.”

Ietri baixa os olhos para a caneca de cerveja. Toma um gole demasiado generoso e começa a tossir. Engasgado. É um rapaz engasgado.

“Até o Mitrano consegue dar uma bimbada de vez em quando”, diz Cederna.

“Ele paga.”

“Você também pode pagar.”

Ietri sacode a cabeça. Não lhe agrada pagar uma mulher.

“Bom, recapitulemos”, Cederna imita a voz do capitão Masiro. “Não é difícil, cabo. Preste atenção. Você encontra uma mulher que te agrada, avalia o tamanho dos seus peitos e do seu traseiro — eu, por exemplo, gosto dos dois bem grandes, mas há

certos perversos que preferem as mulheres secas como enchovas —, depois se aproxima, conta pra ela quatro besteiras e por fim lhe pergunta com gentileza se gostaria de se retirar.”

“Se gostaria de se retirar?”

“Bom, não necessariamente. Depende da situação.”

“Olhe, eu sei como se faz. É que ainda não encontrei a mulher certa.”

Cederna dá um soco na mesa. Os talheres pulam nos pratos vazios em que comeram batata frita, chamando a atenção das outras mesas. “É esse o ponto! Não existe mulher certa. *Todas* são certas. Porque *todas* têm...”, especifica o órgão desenhando um buraco com os dedos. “Em todo caso, depois que você começar, vai se dar conta de como é fácil.”

O tom de Cederna o aborrece um pouco. Não quer que tenham dó dele, mas as palavras do amigo também são encorajadoras. Ietri fica entre a irritação e o reconhecimento. Gostaria de perguntar com que idade começou, mas teme a resposta: Cederna é esperto demais e também muito bonito, com a testa larga e um sorriso cheio de dentes brancos e de malícia.

“Você é grande como um dinossauro e se assusta com as mulheres, que doideira.”

“Pare de gritar!”

“Na minha opinião, é culpa da sua mãe.”

“O que minha mãe tem a ver com isso?” Ietri aperta com força o guardanapo. Um pacotinho de maionese escondido nele explode na sua mão.

Cederna guincha em falsete: “*Mamãezinha, mamãezinha, o que todas essas mulheres querem comigo?*”.

“Pare com isso, todo mundo está ouvindo.” Não ousa pedir o guardanapo do amigo. Limpa-se na quina da cadeira. Com um dedo toca alguma coisa grudada debaixo do assento.

Cederna cruza os braços, satisfeito, enquanto Ietri fica cada vez mais amuado. Desenha círculos na mesa com o fundo úmido do copo.

“Não faça essa cara.”

“Que cara?”

“Você vai ver que vai encontrar uma louca pra te mostrar as coisas. Mais cedo ou mais tarde.”

“Não estou nem aí.”

“Logo a gente vai partir em missão. Dizem que não existe lugar melhor. As americanas são fogo...”

Os rapazes tiveram um fim de semana de licença antes da transferência, e quase todos o passaram com as respectivas namoradas, que tiveram ideias esquisitas, como um piquenique à beira do lago ou uma maratona de filmes românticos, quando o que os soldados queriam era fazer o máximo de sexo possível para enfrentar os próximos meses de abstinência.

A mãe de Ietri chega a Belluno pelo trem noturno vindo de Torremaggiore. Juntos fazem compras no centro, depois vão até o quartel, onde ele dorme num quarto para oito, bagunçado e quentíssimo. Ela não deixa de comentar: “Tudo culpa do trabalho que você escolheu. E podia fazer tantas coisas, inteligente como você é”.

O nervosismo faz o cabo sair, inventa uma desculpa e se refugia num canto do pátio, para fumar. Quando volta, encontra a mãe com a foto do seu juramento apertada contra o coração. “Ainda não estou morto, viu?”, fala.

A mulher arregala os olhos. Dá um tapa sonoro na bochecha do filho. “Nunca mais diga uma coisa dessas! Desgraçado.”

Ela quer a qualquer custo cuidar das bagagens (“Mamãe sabe que você esquece tudo”). Ietri cochila enquanto a observa



dispor religiosamente suas roupas na cama. De vez em quando se distrai e volta mentalmente às americanas. Deixa-se levar por uma modorra excitante, sua baba escorre no travesseiro.

“No bolso lateral estão o creme hidratante e os sabonetes, um de lavanda, o outro neutro. No rosto, use o neutro, que você tem pele delicada. Pus também os chicletes pra quando não puder escovar os dentes.”

De noite compartilham a cama de casal de uma pousada vazia, e Ietri se surpreende por não se sentir incomodado com o fato de dormir ao lado da mãe, mesmo agora que é homem-feito e depois de tanto tempo longe de casa. Não acha estranho nem quando ela puxa sua cabeça contra o seio mole debaixo da camisola e o mantém assim, e ele ouve o batimento robusto do seu coração até adormecer.

O quarto é iluminado intermitentemente pelo temporal que caiu depois do jantar, e o corpo da mãe estremece ao ruído dos trovões, como se a assustassem nos sonhos. Passa das onze quando Ietri pula fora dos lençóis. No escuro esvazia o bolso da mochila e joga tudo no cesto de lixo, bem no fundo para que não se perceba. Depois o enche com preservativos de vários tipos que havia escondido no blusão e dentro das botas de reserva, em quantidade suficiente para abastecer todo o seu pelotão durante um mês ininterrupto de sacanagem.

De volta à cama se lembra de uma coisa. Levanta de novo, enfia as mãos no lixo e procura às cegas os chicletes: nunca se sabe, poderiam ser úteis, caso se encontrasse muito perto da boca ávida de uma americana sem ter escovado os dentes.

Jennifer, oooh Jennifer!

Naquele instante, Cederna e sua namorada entraram no apartamento que compartilham faz quase um ano. O temporal

os surpreendeu na rua, mas estavam tão cheios de andar que não procuraram se abrigar. Continuaram a cambalear no aguaceiro, parando de quando em quando para dar demorados beijos de língua.

A noite tomou um ótimo rumo, mas não havia começado tão bem. De uns tempos para cá, Agnese está obcecada pelos restaurantes étnicos, mas naquela noite Cederna tinha vontade de se divertir e nada mais, de festejar a partida com um jantar caprichado. Ela insistiu num restaurante japonês em que suas colegas de faculdade tinham ido. “Vai ser especial”, falou.

Mas Cederna não tinha vontade de nada especial. “Não gosto dessas coisas asiáticas.”

“Mas você nunca experimentou.”

“Claro que experimentei. Uma vez.”

“Não é verdade. Você está se comportando como uma criança.”

“Ei, veja lá como fala.”

Quando compreendeu que se arriscavam a brigar de verdade, parou e disse, tudo bem, vamos a esse sushi-bar, até porque àquela altura a noite já estava meio arruinada.

Só que no restaurante não comeu nada e passou o tempo todo gozando a garçonete que se inclinava sem parar e usava meias curtas de malha com os chinelos. Agnese tentava lhe explicar como manejar os pauzinhos, e era evidente que gostava muito daquele papel de professora. Ele só fez uma tentativa, depois enfiou a ponta dos pauzinhos nas narinas e se pôs a falar como um retardado.

“Você não pode nem mesmo *tentar*?”, se irritou Agnese.

“Tentar o quê?”

“Ser educado.”

Cederna se inclinou para ela: “Sou educadíssimo. Eles é que erraram de lugar. Olhe lá fora, olhe. Parece o Japão?”.

Não voltaram a se falar o resto do jantar — durante o qual ele se obstinou em não provar nada, nem mesmo aquelas verduras empanadas que não pareciam tão ruins assim, enquanto Agnese se esforçava para acabar tudo, só para demonstrar como era mais corajosa e emancipada. Mas o pior momento veio depois, com a conta. “Vou fazer um escândalo”, disse Cederna arregalando os olhos.

“Eu pago. Chega de cenas.”

Cederna cortou o papo: “Não deixo minha mulher pagar a conta”. Jogou o cartão de crédito para a garçonete, que se inclinou pela enésima vez para pegá-lo.

“Que lugar de merda!”, disse quando já estavam do lado de fora. “Você arruinou minha última noite de liberdade, muito obrigado.”

Agnese desatou a chorar baixinho, com a mão espremendo os olhos. Vê-la assim mortificou Cederna. Tentou abraçá-la, ela o repeliu.

“Você é um animal, é o que você é.”

“Calma, amor. Não fique assim.”

“Não me toque!”, ela gritou, histérica.

Mas não resistiu muito tempo. No fim, ele mordiscava sua orelha, sussurrando: “Como é mesmo que se chamava aquela coisa, yadori? Yudori?”, e ela finalmente ria um pouco e confessava: “Era mesmo um nojo. Desculpe, amor. Desculpe”.

“Yuuuudori! Yuuuuuuudori!”

Começaram a rir e não pararam nem mesmo debaixo do toró.

Agora os dois estão sentados no chão, no pequeno vestibulo, ensopados, e não param de dizer besteira, se bem que com menos entusiasmo. Está se insinuando em Cederna aquela sensação estranha de vazio e tristeza que vem depois das longas gargalhadas. E o nó na garganta por ficar sem vê-la durante muitas semanas.

Agnese se aconchega a ele e apoia a cabeça nas suas pernas.

“Não vá morrer lá, o.k.?”

“Farei o possível.”

“Nem vá se ferir. Pelo menos, não gravemente. Nada de amputações ou cicatrizes evidentes demais.”

“Só ferimentos superficiais, prometo.”

“E não vá me trair.”

“Não.”

“Se me trair, eu é que vou te providenciar alguns ferimentos.”

“Uuuu!”

“Nada de ui. Estou falando sério.”

“Ui, uuuu!”

“Então, vai voltar pra minha formatura?”

“Vou, já disse. O René me garantiu a licença. Quer dizer que depois não nos veremos por um montão de tempo.”

“Bancarei a jovem formada sem emprego que espera a volta do marido do front.”

“Não sou seu marido.”

“Falei por falar.”

“O que foi, uma espécie de proposta?”

“Quem sabe.”

“O importante é que a jovem desempregada não se console com algum outro, enquanto isso.”

“Ficarei inconsolável.”

“Isso, beleza.”

“Inconsolável. Juro.”

Num apartamento maior, com uma porta-balcão de correr que dá para um estacionamento, o primeiro-sargento René está acordado olhando a noite lá fora. O temporal liberou o calor do asfalto e a cidade fede a ovo podre.

O primeiro-sargento só teria uma dificuldade para se decidir com que mulher passar a última noite em território amigo: a abundância de opções. Mas a verdade é que não está muito a fim de nenhuma. Afinal, elas não passam de clientes. Com certeza não estariam dispostas a ouvir suas preocupações a doze horas de levantar voo. Quando fala muito, as mulheres sentem a urgência de lhe dar as costas e fazer alguma coisa, como acender um cigarro, se vestir ou entrar debaixo do chuveiro. Não pode condená-las. Nenhuma delas sabe o que significa comandar, nenhuma sabe o que comporta ter nas mãos o destino de vinte e sete homens. Nenhuma está apaixonada por ele.

Tira a camiseta e corre os dedos pelo tórax, distraído: a linha entre os peitorais, a plaqueta com a data de nascimento e o grupo sanguíneo (A+), os músculos do abdome bem delineados. Talvez quando voltar do Afeganistão deixe de fazer programas. Não que essa atividade o desagrade, e aquele dinheiro extra lhe proporciona certa folga (no mês anterior pôde comprar as bolsas laterais para a Honda, que agora vê com orgulho da janela, coberta com a lona impermeável), é muito mais uma questão moral. Se na época em que tinha acabado de mudar para Belluno os stripteases eram uma necessidade, agora que é militar de carreira poderia muito bem parar, se dedicar a um projeto mais maduro. Mas ainda não sabe qual. É difícil imaginar uma nova versão de si.

À meia-noite a indecisão acabou inclusive com a possibilidade de um jantar como conviria: comeu dois pacotes de cream-cracker e não está mais com fome. Um pouco miserável a comemoração. Melhor teria feito se deixasse seus pais virem de Senigallia encontrá-lo. De súbito se sente triste. A televisão já está desligada da tomada, o aparelho está coberto com um lençol branco, para evitar a poeira. Fechou o registro central do gás e pôs o lixo num saco. A casa está pronta para ficar desabitada.

Estende-se no divã e já está cochilando quando recebe a mensagem de Rosanna Vitale: “Pensou em ir embora sem se despedir? Venha aqui, preciso falar com você”. Poucos segundos depois chega outra: “Traga bebida”.

René não se apressa. Debaixo do chuveiro se barbeia e se masturba lentamente, para ficar imune ao prazer. Compra um espumante seco numa loja de conveniência. Ao sair desta, dá meia-volta e acrescenta uma garrafa de vodca e dois tablets de chocolate cremoso. Sente certa gratidão para com Rosanna, ela o salvou de uma última noite sem surpresas e tem a intenção de recompensá-la como merece. Normalmente, vai para a cama com mulheres mais moças, em geral mulheres que querem ter alguma recordação heroica antes de abraçar uma vida de esposa judiciosa; Rosanna, porém, passou dos quarenta, mas tem alguma coisa nela que lhe agrada. No sexo é perita e extraordinariamente livre. Às vezes, quando terminam, René faz uma pausa para jantar ou ver um filme — ele no divã, ela numa cadeira à parte — e pode ser que façam amor de novo, nesse caso a segunda trepada é oferta da casa. Mas se ele quiser ir embora, ela não o retém.

“Se perdeu?”, Rosanna o espera de pé na soleira.

René a puxa para si, beija-a no rosto. Reconhece um perfume diferente do costureiro, ou vai ver que é um cheiro diferente sob o perfume de sempre, mas não diz nada.

A mulher examina as garrafas. Põe na geladeira a de espumante e abre a outra. Os copos já estão na mesa. “Tudo bem um pouco de música? Esta noite o silêncio está me deixando nervosa.”

René não tem nada contra. A música, como outras distrações das pessoas, lhe é indiferente. Senta-se à mesa da cozinha. Já tinha partido outras vezes — duas para o Líbano, uma para Kosovo —, conhece a dificuldade que os civis têm de entender isso.

“Então você vai embora amanhã.”

“Sim.”

“E quanto dura essa missão?”

“Seis meses. Um dia mais, um dia menos.”

Rosanna aquiesce. Já terminou a primeira dose. Serve-se outra. René, ao contrário, beberica devagar, senhor de si.

“E você está satisfeito?”

“Não é uma viagem de recreio.”

“Claro. Mas você está satisfeito?”

René tamborila com os dedos na madeira. “Sim, acho que sim.”

“Bom. Isso é o que importa.”

A música o força a falar mais alto que o necessário, o que deixa René chateado. Se Rosanna baixasse o volume seria melhor. As pessoas não se dão conta de muitas coisas que ele percebe, isso sempre o decepcionou, em certo sentido. Nessa noite, Rosanna parece distraída e com a intenção de se embriagar antes de ir para a cama. As mulheres de pileque são moles de corpo, repetitivas nos movimentos, e cabe a ele ter um trabalho do cão para levá-las ao prazer. Não se furta a dizê-lo, apontando para o copo: “Vá devagar”.

Ela lhe dirige um olhar furioso. René não está falando com um dos seus soldados. Até prova em contrário, é ela que paga e portanto decide. Depois, no entanto, baixa a cabeça como a lhe pedir desculpas. René interpreta seu nervosismo como apreensão por ele, o que o entenece. “Não vou correr nenhum risco”, diz.

“Tenho certeza.”

“Vai ser mais que tudo uma atividade de guarnição.”

“Sim.”

“Se olhar as estatísticas, a porcentagem de mortos nessa missão é ridícula. A gente corre mais risco atravessando a rua aqui em frente. Não estou brincando. Pelo menos nós, italianos. Há os que combatem pra valer, e no caso deles a história é outra. Os americanos, por exemplo...”

“Estou grávida.”

A sala oscila um pouco em torno da garrafa de vodca cambaleante. “O que você disse?”

“Você ouviu.”

René passa a mão no rosto. Não está suado. “Não. Acho que não ouvi.”

“Estou grávida.”

“Você pode tirar essa música, por favor? Não consigo me concentrar.”

Rosanna caminha a passos rápidos para o aparelho de som e o desliga. Volta a sentar. Há outros barulhos agora: o zumbido do boiler, alguém que toca mal uma guitarra no apartamento de cima, a vodca vertida pela terceira vez no copo dela, que contrariava sua advertência.

“Você tinha me dito claramente que...”, falou René, procurando com todas as suas forças se controlar.

“Eu sei. Era impossível acontecer. Uma probabilidade em não sei quantas. Um milhão talvez.”

“Você está na menopausa, foi o que me disse.” Seu tom não é agressivo, e ele próprio parece calmo, apenas um pouco pálido.

“Eu *estou* na menopausa, tá? Mas fiquei grávida. Foi o que aconteceu.”

“Você tinha dito que não era possível.”

“E não era mesmo. Foi uma espécie de milagre, o.k.?”

René se pergunta se é o caso de se certificar de que o filho é de fato dele, mas evidentemente isso é supérfluo. Considera a palavra *milagre*, não tem nada a ver.

“A responsabilidade é minha, vamos deixar claro”, ela prossegue, “minha cem por cento. Por isso acho que cabe a você decidir. Você é que foi lesado. Respeitarei sua decisão. Ainda há tempo, estou de um mês e meio, ou pouco menos. Agora você vai partir, pense com calma, depois me diga o que resolveu. Do resto eu cuido.”



Diz tudo isso de um só fôlego, depois aproxima o copo da boca. Em vez de beber, o mantém colado ali. Esfrega o lábio na borda, absorta. Tem rugas inapagáveis à margem dos olhos, mas não lhe ficam mal. Durante sua carreira clandestina, René aprendeu que as mulheres maduras desabrocham uma última vez antes de murchar de todo, e nessa fase são mais bonitas do que nunca. Agora sente seu próprio corpo inconsistente, uma sensação que lhe provoca uma crise de raiva: “Se está grávida não devia beber”.

“Um pouco de vodca me parece a última das preocupações neste momento.”

“Mesmo assim, não devia.”

Emudecem. René percorre mentalmente o discurso, passo a passo. *Do resto eu cuido*. É cansativo enxergar com clareza além daquelas palavras.

“Você topa trepar mesmo assim?”

Rosanna lhe pergunta como se fosse a coisa mais normal. Está grávida, no entanto bebe e tem vontade de ir para a cama com ele. René está desconcertado. Já ia lhe gritar na cara que está louca, mas percebe que seria até uma boa maneira de dar um sentido à noite: fazer amor e sair pela porta da rua com a impressão de ter cumprido o que se esperava dele e nada mais. “Por que não?”, diz.

Vão para o quarto e tiram a roupa se dando as costas. Começam devagar, suavemente, depois René se permite obrigar Rosanna a ficar de barriga para baixo. Para ele, isso equivale a uma pequena punição. Rosanna goza com generosidade, ele mais discretamente. Sai fora um segundo antes, como se aquilo alterasse alguma coisa, ela não o censura.

“Pode dormir aqui”, diz em vez disso. “Amanhã não trabalho. Vou com você pegar suas coisas e depois te levo ao aeroporto.”

“Não precisa.”

“Assim podemos ficar algumas horas juntos.”

“Tenho que ir.”

Rosanna se levanta e se cobre apressadamente com um lenço. Procura a carteira na bolsa e estende o dinheiro a René.

Ele olha para a mão que segura as notas. Não pode aceitar o dinheiro de uma mulher grávida do seu filho, mas Rosanna não retira o braço e não diz nada. Quem sabe um desconto? Não, seria hipocrisia. É só uma cliente, pensa, uma cliente como as outras. Se houve um imprevisto, a culpa não é dele.

Agarra o dinheiro e em menos de dez minutos está pronto para ir embora.

“Então depois me diga o que resolveu”, Rosanna fala na porta de casa.

“Sim, vou dizer.”

De manhã o calor é insuportável, o céu está coberto por um esmalte cinza-claro que favorece a dor de cabeça. Os civis batem perna pelo saguão do aeroporto, curiosos com a insólita concentração de militares. Os cinzeiros do lado de fora transbordam de guimbas. Ietri chegou de ônibus com a mãe. Busca com os olhos seus companheiros, e alguns o cumprimentam de longe. Mitrano tem a família mais numerosa, e a avó de cadeira de rodas é a única do seu grupinho a não falar muito, dá as costas ao neto e olha para a frente, como se visse algo horrível, mas com toda probabilidade — pensa Ietri — é apenas demente. Os pais de Anfossi consultam o tempo todo o relógio, Cederna beija a namorada com as mãos descaradamente postas na bunda dela, Zampieri leva no colo um menino que se diverte puxando os cabelos dela e soltando e grudando o velcro da tarja com seu nome — ela o deixa brincar um pouco, depois o põe no chão bruscamente, o menino começa a chorar. René fala ao telefone, sentado, cabeça baixa.

Ietri sente alguém lhe agarrar a mão direita. Antes que tenha tempo de protestar, sua mãe já espremeu o tubo de creme no dorso das suas mãos.

“O que você está fazendo?!”

“Cale a boca. Olhe como estão rachadas. E elas?”, levanta os dedos de Ietri na altura dos olhos.

“O que tem elas?”

“Vamos ao banheiro pra eu cortá-las. Por sorte trouxe a tesourinha.”

“Mãe!”

“Se não cortarmos agora, antes desta noite estarão pretas.”

Depois de uma longa negociação, Ietri cede, mas consegue pelo menos resolver o assunto sozinho. Vai arrasado para o banheiro.

Mal havia acabado a primeira mão quando um forte peido troa num dos compartimentos.

“Saúde!”, diz o cabo. Faz-lhe eco um grunhido.

Pouco depois, o coronel Ballesio sai da cabine. Vai até o espelho abotoando a braguilha, seguido por um rastro de mau cheiro.

Ietri se põe às pressas em posição de sentido, o coronel sorri satisfeito para ele. Percebe os fragmentos de unhas na pia e muda de expressão. “Certas coisas devem ser feitas em casa, soldado.”

“Tem razão, comandante. Desculpe, comandante.”

Ietri abre a torneira. As pontas das unhas giram em torno do ralo e ali ficam. Ietri levanta a tampa e as empurra com o dedo. Ballesio o observa friamente. “Primeira missão, rapaz?”

“Sim, senhor.”

“Quando voltar, este banheiro vai lhe parecer diferente. Limpo como o de um hospital. E a torneira. Quando vir de novo uma torneira como esta, vai ter vontade de lambê-la.”

Ietri anui. Seu coração bate que nem louco.

“Mas vai passar depressa. No início tudo parece mágico quando a gente volta, mas depois torna a ser o que é. Uma porcaria.”

Ballesio puxa a toalha de papel, mas o rolo está emperrado. Xinga, depois esfrega as palmas molhadas nas calças. Aponta para o cabo com um sinal de cabeça. “Não consigo cortar com a tesourinha”, diz, “minha mulher me comprou um cortador de unha. Só que ele não corta os cantos.”

Quando Ietri volta para o saguão, está furioso. Fez papel de bobo na frente do coronel e a culpa é toda da sua mãe.

Ela espicha o pescoço para verificar os dedos. “Por que cortou de um lado só? Não disse que era eu que tinha que cortar, seu cabeçudo? Você não consegue fazer nada com a mão esquerda. Bom, vamos.”

Ietri a repele. “Me deixe em paz.”

A mulher o encara severamente, sacode a cabeça, depois se põe a remexer na bolsa. “Tome. Chupe isto, que você está com um hálito horrível.”

“Quer parar com isso, porra?!”, ruge o cabo. Dá um tapa na mão dela. A bala cai no chão e ele a esmaga com a botina. O açúcar verde se esmigalha. “Satisfeita agora?”

Di Salvo se vira para ele com toda a sua família, e com o rabo do olho Ietri percebe que Cederna também se voltou para olhá-lo.

Não sabe que bicho o mordeu.

Duas grossas lágrimas brotam nos olhos da mãe. Está com a boca aberta e o lábio inferior tremendo um pouco, unido ao outro por um fio resistente de saliva. “Desculpe”, sussurra a mulher.

Nunca antes aconteceu de ela lhe pedir desculpas. Ietri está dividido entre a vontade de gritar na cara da mãe que ela é uma idiota e a vontade oposta de se abaixar e catar um a um os fragmentos da bala, para recompô-la. Sente postos em si os olhares dos companheiros a julgá-lo.

*Agora sou um homem e estou indo pra guerra.*

Mais tarde não se lembrará se disse isso mesmo ou só pensou. Pega a mochila e a põe nas costas. Beija a mãe no rosto, uma vez só, brevemente. “Volto logo”, diz.